

AS TEMÁTICAS DA GLOBALIZAÇÃO NA GEOGRAFIA ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE APRENDIZAGEM A PARTIR DA PRODUÇÃO DE VIDEOCASTS

Anoan de Araújo Medeiros¹; Djanni Martinho dos Santos Sobrinho²

¹Professor Colaborador do DEDUC/CERES/UFRN e Doutorando no GEOPROF/CERES/UFRN, anoanmedeirosgeo@yahoo.com

² Doutor em Educação pela UFRN. Professor do Departamento de Geografia DGC/UFRN/CERES, djanni.sobrinho@ufrn.br

Resumo

O trabalho analisa a abordagem das temáticas da globalização no ensino de Geografia, articulando-as ao uso de tecnologias digitais, especialmente os *videocasts*, como estratégia pedagógica. Parte-se da compreensão da globalização como um fenômeno geográfico que se materializa no espaço e influencia diretamente a vida cotidiana, exigindo uma abordagem crítica na educação básica. Metodologicamente, a pesquisa adota uma perspectiva qualitativa, com aplicação de produto educacional para produção de *videocasts* em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública em Caicó/RN. A proposta consistiu na elaboração e utilização de um guia didático para a produção de *videocasts*, desenvolvida por meio de oficinas, discussões e atividades em grupo. Os resultados evidenciam que a produção audiovisual favorece o protagonismo estudantil, estimula habilidades investigativas e contribui para o desenvolvimento do raciocínio geográfico. Observou-se, contudo, diferentes níveis de apropriação dos conteúdos, indicando a necessidade de mediação docente contínua. Conclui-se que os *videocasts* se configuram como uma ferramenta potente para tornar o ensino de Geografia mais significativo, ao aproximar os conteúdos da realidade dos estudantes e promover uma leitura crítica da globalização.

Palavras-Chave: Globalização; Geografia escolar; Videocasts.

Introdução

Vivemos um momento da história da humanidade em que a tecnologia alcançou um estágio de desenvolvimento sem precedentes, com novas invenções surgindo a cada dia e influenciando a vida como um todo, bem como a maneira como nos relacionamos conosco, com a sociedade e com a natureza. Esses avanços na tecnologia e na ciência estão intimamente ligados ao estágio de expansão do sistema capitalista, que tem como desdobramento o fenômeno da globalização.

Desse modo, esse contexto histórico atual da globalização é um fenômeno geográfico, pois tem implicações diretas no espaço geográfico. A expansão do sistema capitalista, por meio da globalização, difunde-se a partir da economia, da cultura e da política, com repercussões nas sociedades, na maneira como vivemos, como nos relacionamos com a natureza e até na nossa visão de mundo.

É nesse sentido que a Geografia escolar deve se debruçar sobre as temáticas inerentes a

globalização, visto que tal fenômeno tem impacto significativo na nossa vida cotidiana e deve ser entendido e estudado na educação básica. Além disso, também se faz presente nas discussões deste trabalho o uso dos videocasts como uma tecnologia educacional.

Essa tecnologia apresenta-se com enorme potencial no desenvolvimento do raciocínio geográfico nos estudantes da educação básica, pois, ao focar em uma proposta de produção audiovisual, possibilita o protagonismo estudantil e uma análise crítica do espaço, ao compreender os fenômenos a partir de suas implicações na vida cotidiana.

Sendo assim, do ponto de vista metodológico, o trabalho¹ apresenta uma abordagem qualitativa, com aplicação e análise de produto educacional no contexto da Geografia escolar. O campo empírico da pesquisa foi uma escola localizada no município de Caicó/RN, tendo como sujeitos participantes estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental.

A escolha desse público se justifica pela presença das temáticas da globalização como objeto de conhecimento previsto para essa etapa da educação básica, conforme orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Documento Curricular do Rio Grande do Norte (DCRN). No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, a pesquisa foi desenvolvida em etapas que envolveram, inicialmente, o levantamento teórico acerca das temáticas.

Em seguida, foi realizada a pesquisa de campo, com aplicação de um guia didático voltado à produção de videocasts, que serviu como base para a realização das atividades com os estudantes. A aplicação da proposta ocorreu por meio de oficinas, momentos de discussão e organização dos grupos de trabalho, nos quais os estudantes foram incentivados a investigar, problematizar e produzir videocasts relacionados à globalização a partir de suas vivências.

Por fim, a análise se deu de forma interpretativa, buscando compreender como a produção dos videocasts contribuiu para o desenvolvimento do raciocínio geográfico e para a construção de uma leitura crítica da realidade por parte dos estudantes. Nesse sentido, o presente trabalho teve como objetivo trazer elementos no que diz respeito à importância das temáticas da globalização no ensino de Geografia na educação básica e a como elas se relacionam com o cotidiano dos estudantes e podem contribuir para formar pessoas capazes de atuar criticamente na sociedade contemporânea.

Contextualizando a globalização na atualidade e refletindo sobre este fenômeno

¹ Esse texto traz parte das reflexões apresentadas na dissertação de mestrado do primeiro autor, que teve como título “Tecnologias educacionais na Geografia escolar: temáticas da globalização em videocasts”, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – GEOPROF/CERES, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no ano de 2025.

Em linhas gerais, Santos (2010) define a globalização como o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Sendo assim, em uma sociedade capitalista, podemos perceber que as mudanças sentidas na atualidade e que afetam a todos em escala planetária, derivam dessa lógica de submissão às questões inerentes ao capital.

A globalização tem suas origens no renascimento comercial e urbano europeu, consolidando-se a partir das Grandes Navegações, quando os avanços técnicos e nos transportes possibilitaram a expansão do comércio mundial, inicialmente liderado por potências como Espanha e Portugal. Conforme destaca Silveira (1998), esses progressos ampliaram os fluxos e intercâmbios, lançando as bases de uma integração global pautada na circulação de mercadorias e riquezas. Esse processo foi intensificado ao longo da história, especialmente com as Revoluções Industriais, os rearranjos geopolíticos do século XX e o período pós-Guerra Fria, que impulsionaram o atual estágio da globalização.

A corrida armamentista e aeroespacial pós 1945, possibilitaram um avanço técnico-científico jamais visto na história da humanidade. Nesse período, conforme destaca Santos (2010), o avanço da ciência possibilitou a criação de um sistema de técnicas encabeçado pela informação, tornando-se um elo fundamental entre os demais sistemas técnicos e capaz de originar um novo sistema técnico com presença global.

Só que a globalização não é apenas a existência desse novo sistema de técnicas. Ela é também o resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes. Os fatores que contribuem para explicar a arquitetura da globalização atual são: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais-valia globalizada (Santos, 2010, p. 12).

Ao tratar da “unicidade da técnica”, Santos (2010) destaca que a padronização e a universalização dos meios tecnológicos tornaram o planeta um sistema cada vez mais interdependente. A “convergência dos momentos” refere-se ao fenômeno em que as diferentes temporalidades, antes vividas de forma independente entre os lugares, tornam-se sincronizadas pelas dinâmicas da globalização.

Quando analisamos este fenômeno a partir do olhar geográfico, a globalização não é um processo abstrato restrito ao campo das ideias, mas um fenômeno que ganha sua materialidade no espaço geográfico. Suas implicações tornam-se visíveis nos lugares, onde ganham forma e expressão concreta.

E essa globalização, por seguir uma lógica econômica e suas faces implicarem definitivamente a capilarização do capital e que encontre maneiras de se reproduzirem infinitamente, ela ganha uma face de perversidade.

De acordo com Santos (2010), para a maior parte da população, a globalização tem se mostrado excludente, marcada pelo aumento do desemprego, da pobreza e pela queda na qualidade de vida. Problemas como fome, falta de moradia, dificuldades no acesso à educação e persistência de doenças continuam presentes, mesmo diante dos avanços técnicos e científicos. Além disso, intensificam-se questões sociais e éticas, como o individualismo e a corrupção.

Assim, evidencia-se que o processo de inclusão global é restrito para poucos, enquanto a imensa maioria da humanidade sobrevive das migalhas deixadas por essa globalização excludente. Sob essa perspectiva, analisar a globalização pela Geografia é entender que esse processo tem gerado inúmeras desigualdades, competitividades desleais, guerras, fome e desintegração da natureza.

Reflexões sobre as temáticas da globalização na Geografia escolar: como significar um tema tão relevante para a atualidade?

A globalização é um fenômeno que tem grande relevância nas discussões geográficas no âmbito da academia, principalmente pelo fato das suas ações implicarem diretamente em transformações profundas no espaço geográfico. Sendo assim, as temáticas que envolvem a globalização tornam-se um tema importante e fundamental para a vida dos estudantes da educação básica, englobando os seus aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais.

Diante da sua relevância para a formação cidadã dos estudantes da educação básica, surge uma provocação: “como professores de Geografia podem abordar um tema tão complexo e com implicação tão diretas na vida cotidiana?”

Dessa forma, quando o ensino de Geografia ele parte de uma perspectiva em de questionamento, de buscar enxergar além das aparências, do que parece óbvio, estaremos construindo elementos que são essenciais para a formação cidadã dos estudantes, onde possam intervir de forma consciente na construção de uma sociedade que seja mais justa e solidária.

Nos conteúdos de Geografia, quando se “naturalizam” questões sociais e políticas, reduzindo-as a determinações da natureza, e mais além destes, quando se estudam espaços distantes e estranhos, se faz com que a Geografia pareça coisa apenas de livros. Ao estudar os lugares como se o que existe neles fosse resultado natural e não construído historicamente, e até ao não se conseguir. ligar os avanços tecnológicos, as guerras, as constantes divisões das nações e as regionalizações que formam novos blocos, à construção do espaço, ou seja, a organização territorial destes fenômenos,

como a materialização/concretização num dado lugar, das ideias, interesses políticos e econômicos (Callai, 1999, p. 86-87).

Na sociedade globalizada, assim como refletimos acima, não se é possível analisar o espaço simplesmente a partir de determinismos naturais ou de forma classificatória e descritiva. O ser humano, a partir de sua capacidade de transformar e criar novas coisas, tem sido o grande responsável pelas novas configurações espaciais, seja no que tange as questões puramente de definições territoriais, seja nas desordens de transformação da natureza em espaços artificiais.

Callai (2001, p. 136) nos leva a reflexão quando nos faz pensar sobre “ao que se pretende com a escola e, no caso, com o ensino da Geografia. Reconhecendo o objeto da Geografia, [...] o professor deverá propor o estudo que seja consequente para os alunos”. Nisso, entendemos que a docência deve partir de uma compreensão acerca das suas intencionalidades, de onde se quer chegar com o ensino, e partir disso saber que o ser docente carrega consigo uma responsabilidade extrema de levar os estudantes a se perceberem como cidadãos.

Mais do que qualquer outro componente curricular, na educação básica a Geografia tem o papel de revelar para os estudantes que as transformações do mundo atual possuem uma explicação, que não é obra do acaso. É importante destacar que a grande diferença está em apresentar para os estudantes que aquilo que é global é local, faz parte de nossas práticas cotidianas, nas nossas casas, nas nossas relações, no nosso cotidiano.

Para Carlos (2007, p. 14),

a globalização materializa-se concretamente no lugar; aqui se lê, percebe e entende o mundo moderno em suas múltiplas dimensões, numa perspectiva mais ampla, o que significa dizer que no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial. O mundial que existe no local redefine seu conteúdo, sem, todavia, anularem-se as particularidades.

Assim, conseguimos entender porque muitas vezes os lugares, sobretudo aqueles com grandes traços identitários, culturais bem enraizados, nos dias atuais, não tem conseguido transmitir isso para as novas gerações. Na era da informação, do imediato e das novas tecnologias, muitos dos nossos jovens tem perdido o interesse pelo que é seu, e acabam valorizando o que é do outro, o que é de fora.

Nos diálogos de Cavalcanti (2013), a autora entende que nos tempos presentes, para que possamos exercer a nossa cidadania de maneira efetiva, é preciso que se tenha uma consciência espacial. Com isso, ela quer dizer que, desde uma simples ação de deslocamento diário de indivíduos, ou até mesmo para entender e se posicionar sobre questões globais, como por exemplos os conflitos que se alastram nos dias atuais por todos os continentes.

É por isso, que, para que os estudantes compreenderem o fenômeno da globalização na educação básica é, de maneira substancial, necessário desenvolver uma consciência espacial. A partir das vivências cotidianas, o estudante deve ser levado por caminhos que o levem a compreender que tudo o que ocorre no mundo, e onde ocorre, tem uma explicação a qual pode e deve ser analisada à luz da Geografia.

Para Vessentini (2009), o professor não deve se preocupar se tem sido abordado mais Geografia Humana do que Geografia Física nos conteúdos escolares, mas sim compreender que o que realmente motiva os estudantes e favorece o desenvolvimento do raciocínio geográfico é uma análise crítica do espaço geográfico e dos fenômenos globais que nele se manifestam.

Partindo desse entendimento, cabem aos professores da educação básica, a árdua missão de não deixar que a Geografia escolar perca o seu sentido, mas que a inquietação de uma educação geográfica transformadora e cheia de sentido seja uma constante na vida dos docentes. Com isso, é preciso buscar meios e encontrar alternativas para que as práticas pedagógicas sejam meios de consolidação uma Geografia escolar significativa.

Com isso, a utilização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) nas práticas pedagógicas torna-se uma possibilidade para potencializar a Geografia escolar crítica, que se insere na realidade da era digital e informacional, permitindo que os professores possam mediar as temáticas de sala de aula a partir das tecnologias digitais. Dentro dessas possibilidades, a produção de videocasts sobre globalização impulsionará as discussões geográficas a partir da realidade e trazendo significado para a vida dos estudantes por meio do protagonismo estudantil.

Perspectivas dos videocasts como tecnologia educacional na Geografia escolar

No contexto de intensificação das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) e das transformações do meio técnico-científico-informacional, as formas de produzir, acessar e compartilhar informações passaram por profundas mudanças. Nesse cenário, mídias digitais como o podcast e o videocast ganham destaque por se alinharem aos novos hábitos de consumo de conteúdo, marcados pela flexibilidade, rapidez e acessibilidade.

De acordo com Araújo, Errobidart e Jardim (2017, p. 4), são definidos como “arquivos de mídia digital no formato de pequenos vídeos, postados na internet, e que podem ser utilizados como material didático”. Complementando essa compreensão, Danucalou e Ramos (2014) destacam que essa mídia se caracteriza justamente por adotar uma estrutura semelhante à do podcast, porém incorporando a linguagem audiovisual. Assim, enquanto o podcast utilizava apenas do áudio para transmitir informações, o videocast agrega também o recurso visual,

ampliando as possibilidades de interação com o público, que cada vez mais busca experiências multimodais.

A integração entre som e imagem no videocast responde à crescente valorização de conteúdos audiovisuais na cultura digital contemporânea. Esse formato, potencializado sobretudo a partir do período da pandemia de Covid-19, expandiu-se significativamente nas plataformas digitais, tornando-se uma das principais formas de produção e circulação de conteúdos.

No campo educacional, o videocast apresenta-se como uma tecnologia com forte potencial pedagógico, especialmente quando articulado a metodologias ativas. Sua utilização vai além do consumo de conteúdos, ao possibilitar que os estudantes atuem como produtores, mobilizando habilidades como pesquisa, planejamento, organização de ideias, argumentação e trabalho colaborativo. Esse processo contribui para o desenvolvimento da autonomia e do protagonismo discente, aspectos fundamentais para práticas pedagógicas mais significativas.

No ensino de Geografia, o uso de videocasts dialoga diretamente com a maneira como o componente curricular trabalha com múltiplas linguagens na análise do espaço geográfico. Ao integrar recursos visuais, sonoros e digitais, essa ferramenta amplia as possibilidades de interpretação dos fenômenos espaciais, favorecendo uma compreensão mais crítica e contextualizada da realidade. Além disso, permite aproximar os conteúdos escolares das vivências dos estudantes, contribuindo para superar abordagens fragmentadas e descritivas ainda presentes na Geografia escolar.

Dessa forma, o videocast consolida-se como uma linguagem potente no âmbito da Geografia escolar. Sua incorporação às práticas pedagógicas não apenas acompanha as transformações do mundo globalizado, mas também contribui para o fortalecimento do raciocínio geográfico e para a formação de sujeitos críticos, capazes de compreender e intervir no espaço em que vivem.

Os videocasts na prática: produzindo com estudantes de 9º ano na cidade de Caicó/RN

No âmbito do Mestrado Profissional em Geografia (GEOPROF), cada mestrando é convidado a elaborar um produto educacional como desdobramento de sua pesquisa e de suas reflexões. Nesse contexto, desenvolveu-se a proposta de elaboração de um guia didático para a produção de videocasts sobre as temáticas da globalização em turmas de 9º ano. Esse material foi concebido como base para a produção dos videocasts, reunindo orientações e reflexões acerca de como desenvolver tais atividades no contexto escolar.

Sendo assim, os videocasts foram produzidos numa escola localizada no município de Caicó/RN, instituição pública localizada na zona Leste da cidade de Caicó/RN. A escolha da escola ocorreu a partir da seleção entre as instituições públicas disponíveis no município, considerando alguns fatores. Entre eles, destacam-se o vínculo prévio com o corpo docente e a equipe gestora, o fato de a instituição ofertar os anos finais do Ensino Fundamental, contemplando turmas de 9º ano que constituem o público-alvo do produto educacional, e sua natureza pública, o que possibilita analisar, de forma mais realista, as potencialidades e os desafios da aplicação do produto em um contexto representativo da rede estadual de ensino.

A atividade de produção de videocasts foi desenvolvida a partir de uma perspectiva de autonomia dos estudantes, considerando os conhecimentos construídos ao longo do ano letivo sobre os temas relacionados à globalização, conteúdos próprios das turmas de 9º ano. A proposta também buscou estimular nos estudantes o desenvolvimento de habilidades investigativas, tais como perguntar, problematizar, buscar informações em diferentes fontes, analisá-las criticamente e construir conhecimento por meio da elaboração do videocast.

Nesse sentido, foram seguidas algumas etapas até a obtenção do produto final, representado pelos videocasts. Inicialmente, realizou-se a discussão sobre a temática da globalização, com o objetivo de identificar os conhecimentos previamente construídos pelos estudantes, uma vez que esses conteúdos já haviam sido trabalhados pelo professor da turma ao longo do ano letivo. Em seguida, foi realizada uma oficina voltada à produção de videocasts (Figura 01).

Figura 1 – Momento de discussão inicial sobre globalização e aplicação da oficina de *videocasts* na escola



Fonte: arquivo do autor (2025).

Posteriormente, realizou-se a divisão dos estudantes em grupos para a realização de estudos dirigidos, bem como a análise do guia didático (Figura 02) e das sugestões de roteiros, que orientaram a elaboração dos materiais. No referido guia, cada roteiro apresenta o tema, as habilidades a serem desenvolvidas com base na BNCC e no Documento Curricular do Rio Grande do Norte, além dos objetivos da atividade.

Figura 02 – Guia Didático para produção de *videocasts* com exemplo de roteiro



Fonte: arquivo do autor (2025).

A análise da produção dos videocasts evidenciou diferentes níveis de apropriação dos conteúdos geográficos pelos estudantes, permitindo compreender como a atividade contribuiu para o desenvolvimento do raciocínio geográfico. De modo geral, os grupos demonstraram envolvimento com as temáticas da globalização, ainda que com variações na profundidade das abordagens e na articulação conceitual.

A temática das redes sociais foi explorada por um dos grupos (imagem 03) a partir da problematização sobre sua função na aproximação entre diferentes realidades ou no distanciamento do contexto local. A produção assumiu um formato dialogado, semelhante a uma roda de conversa, favorecendo a participação, a espontaneidade e a aproximação com práticas comunicacionais típicas do cotidiano digital dos estudantes.

A discussão evidenciou uma compreensão inicial sobre a circulação global de informações e influências culturais, ainda que marcada por um caráter mais opinativo do que analítico. A ausência de maior articulação conceitual indica a necessidade de aprofundamento mediado, especialmente no que se refere à compreensão das relações entre o global e o local.

Figura 2 – Recortes do *videocast* sobre redes sociais produzido pelo grupo 01 da escola



Fonte: arquivo do autor (2025).

A relação entre globalização e consumo foi abordada por outro grupo (imagem 04), que se destacou pela organização do material e pelo uso de diferentes estratégias, como entrevistas e variação de cenários. A proposta possibilitou aos estudantes estabelecer conexões entre o consumo cotidiano e os processos globais, reconhecendo a presença de produtos estrangeiros no contexto local e sua inserção em dinâmicas mais amplas de circulação de mercadorias.

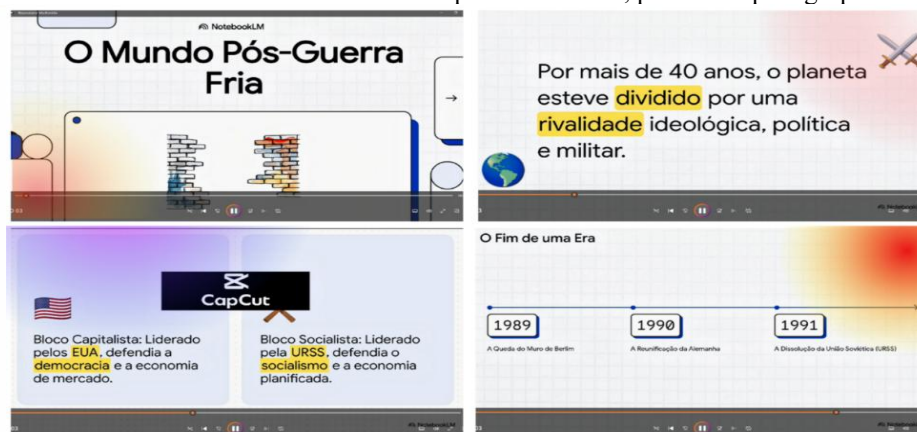
Figura 04 – Recortes do videocast sobre consumo produzido pelo grupo 02 da escola



Fonte: arquivo do autor (2025).

Por fim, a discussão sobre o mundo pós-Guerra Fria trouxe um nível maior de complexidade conceitual, exigindo a articulação entre dimensões históricas e geopolíticas (imagem 05). A produção seguiu um formato mais expositivo, com uso de imagens estáticas e narração, o que contribuiu para a organização dos conteúdos e a apresentação de elementos centrais, como o fim da bipolaridade e a consolidação da Nova Ordem Mundial. No entanto, a predominância de uma abordagem descritiva limitou a problematização das relações entre essas transformações e o avanço da globalização.

Figura 3 – Recortes do videocast sobre o mundo pós-Guerra Fria, produzido pelo grupo 03 da escola



Fonte: arquivo do autor (2025).

De modo geral, a aplicação do produto educacional evidenciou o potencial pedagógico dos videocasts no ensino de Geografia, destacando a participação ativa e o protagonismo dos estudantes, a aproximação dos conteúdos com suas vivências cotidianas e o estímulo à pesquisa e à curiosidade sobre as dinâmicas da globalização. Além disso, observou-se a mobilização do raciocínio geográfico, indicando que essa linguagem contribui não apenas para diversificar as formas de aprender, mas também para ampliar as possibilidades de interpretação crítica do espaço.

Por outro lado, a experiência revelou desafios importantes, especialmente no que se refere à necessidade de mediação docente, acompanhamento contínuo e intencionalidade pedagógica. O engajamento dos estudantes também se mostrou um fator sensível, sobretudo quando a atividade não está diretamente vinculada à avaliação, visto que essa aplicação não foi feita no ordinário da dinâmica de sala de aula, como atribuição de nota, etc.

Conclusões

O trabalho analisa a importância das temáticas da globalização no ensino de Geografia na educação básica, articulando-as ao uso dos *videocasts* como tecnologia educacional. A globalização, enquanto fenômeno geográfico, exige uma abordagem crítica no contexto escolar, permitindo aos estudantes compreender suas implicações no espaço geográfico e na vida cotidiana.

A aplicação do produto educacional evidencia que a produção de *videocasts* se configura como uma estratégia significativa no ensino de Geografia. A atividade possibilita o protagonismo dos estudantes e a aproximação dos conteúdos com suas vivências. Os estudantes mobilizam habilidades como investigar, problematizar, interpretar e comunicar ideias, contribuindo para o desenvolvimento do raciocínio geográfico.

A análise mostra que o processo ocorre de forma heterogênea. Observam-se diferentes níveis de apropriação dos objetos de conhecimentos, com produções que variam entre abordagens descritivas e outras com maior articulação conceitual. Esse resultado evidencia a importância da mediação docente no processo, orientando e aprofundando as discussões.

O engajamento dos estudantes varia conforme a forma de inserção da atividade na dinâmica da sala de aula e sua relação com os processos avaliativos. O uso dos *videocasts* requer intencionalidade pedagógica, de modo a contribuir para a construção de uma aprendizagem significativa.

Referências Bibliográficas

Antonio Filho, F. D. Globalização: para quem? **Geosul**, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 7-21, 1. sem. 2002.

Araujo, P. M. P.; Errobidart, N. C. G.; Jardim, M. I. de A. Videocast: Potencialidades e Desafios na Prática Educativa segundo a literatura. In: XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (XI ENPEC), 11, 2017, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: ABRAPEC, 2017.

Callai, H. C. A Geografia no Ensino Médio. In: **Terra Livre**. As Transformações no Mundo da Educação. São Paulo, n. 14, p. 60 – 99, jan./jul.1999.

Callai, H. C. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? In: **Terra livre**. Paradigmas da Geografia parte 1. São Paulo, n.16, p. 133-152, jan./jul. 2001.

Carlos, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

Danucalou, D. C.; Ramos, T. S. Audiovisual na Internet: análise da produção do videocast NerdOffice. **Anagrama**, n. 2, ano 8, 2014.

Cavalcanti, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 2013.

Santos, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. 19. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

Silveira, M. L. **Globalização, funcionamento técnico e funcionamento político na rede urbana argentina e nordpatagônica**. In: Santos, M.; Souza, M. A.; Silveira, M. L. (orgs.). **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 125-140.

Souza, M. A. Geografias da desigualdade: globalização e fragmentação. In: Santos, M.; Souza, M. A. A.; Silveira, M. L. (orgs.). **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 21-28.

Vesentini, J. W. **Repensando a geografia escolar para o século XXI**. São Paulo: Plêiade, 2009.